

Qual é a madeira mais forte?

Balsa.

É a madeira mais forte do mundo quando medida em três categorias de dureza, flexibilidade e compressibilidade – mais forte que o carvalho e o pinho.

Apesar de ser a mais macia das madeiras não é, em termos botânicos, uma madeira macia, mas sim uma madeira dura. “Madeira dura” é um termo botânico que descreve as árvores de copa larga, geralmente de folha caduca, que são angiospermas (plantas de flor, tal como a balsa), em contraste com as gimnospermas coníferas (plantas sem flor, como o pinheiro).

Também é leve, claro, apesar de não ser a mais leve do mundo – a madeira mais leve do mundo é oriunda da Nova Zelândia, da pequena árvore *whau* que é usada pelos pescadores Maori para fazer jangadas.

Balsa significa “jangada” em espanhol. A madeira de balsa é resistente à traça.

O que é que lhe acontece se chupar a ponta do seu lápis?

Nada de mal, para além de ter que ouvir alguém dizer-lhe para não o fazer.

Os lápis não contêm nem nunca contiveram chumbo. Contêm grafite, uma das seis formas puras do carbono, que não é mais venenoso do que a madeira que o envolve. Até a tinta já é, hoje em dia, sem chumbo.

A confusão deriva do facto de chumbo afiado ter sido usado durante mais de 2000 anos para escrever nos papiros e no papel.

O único depósito de grafite pura e sólida alguma vez encontrado foi descoberto por acidente em Borrowdale, Cumbria, em 1564. Foi protegido por leis severas e por guardas armados e era explorado apenas durante seis semanas por ano.



O chamado “chumbo preto” que produziram foi cortado em finos paus quadrados, para fazer os primeiros lápis. Os lápis ingleses foram adoptados rapidamente por toda a Europa. O primeiro uso registado foi pelo naturalista suíço Konrad Gessner, em 1565.

Henry David Thoreau, autor de *Walden*, foi o primeiro americano a cozer, com sucesso, grafite com barro para fazer um “chumbo” para lápis; mas a grande oportunidade comercial surgiu em 1827, quando Joseph Dixon, de Salem, Massachusetts, apresentou uma máquina que produzia lápis de grafite quadrados em massa, a uma média de 132 por minuto.

Quando faleceu, em 1869, a *Joseph Dixon Crucible Company* era líder mundial, produzindo 86 000 lápis redondos por dia. Hoje em dia (agora com o nome *Dixon Ticonderoga*) é ainda um dos maiores produtores mundiais de lápis.

Roald Dahl escreveu todos os seus livros usando um lápis médio amarelo da marca Dixon Ticonderoga. O tradicional lápis amarelo data de 1890, quando Joseph Hardmuth produziu o primeiro na sua fábrica em Praga e o baptizou em homenagem ao famoso diamante amarelo da Rainha Vitória, Koh-i--Noor (ela havia chamado à sua linha de lápis de luxo “os Koh-i--Noor dos lápis”). Outros produtores copiaram-no. Na América do Norte, 75% de todos os lápis vendidos são amarelos.

O lápis médio pode ser afiado dezassete vezes e pode escrever 45 000 palavras numa linha recta de 56 km.

A borracha que alguns têm na ponta é mantida no lugar por um dispositivo conhecido como *ferrule*. A patente foi pela primeira vez concedida em 1858, mas não eram populares nas escolas porque os professores acreditavam que encorajavam a preguiça.

A “borracha” da maioria dos lápis é na verdade feita de óleo vegetal, com uma pequeníssima quantidade de borracha a uni-lo.

Mesmo aquele que aparenta ser o mais comum, pequeno e simples dos objectos, pode revelar-se, à sua própria maneira, complexo e tão grandioso como um foguetão espacial, ou uma ponte suspensa.

Henry Petroski
